

A MEDICALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA ESCOLAR: QUANDO O SABER MÉDICO ORIENTA PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Maria Luíza Alves de Carvalho

Ressalta-se a importância que o olhar biomédico obteve na organização e desenvolvimento dos seres humanos enquanto sociedade em modos de vida ocidentais, uma vez que promove a medicalização de diferentes espaços sociais. Leva-se também em conta que a categoria “diagnóstico” é derivada desse modo biomédico de pensar os processos humanos, conferindo-lhes características que delimitam o desenvolvimento dos indivíduos. Outro ponto importante a considerar é que a escola, enquanto instituição responsável pela educação formal de crianças e jovens, por vezes se apropria do saber médico para classificar e normalizar estudantes considerados “anormais”. Mediante tais observações surge a seguinte pergunta: em que medida a ação de diagnosticar crianças e jovens com transtornos relacionados a aprendizagem e desenvolvimento permite que a sociedade continue caminhando sem a real mobilização de recursos que efetivem a participação de indivíduos com diagnósticos relacionados a este contexto, na constituição de diferentes espaços sociais?

Em conformidade com os estudos de Foucault (2004), compreende-se que a medicalização da vida em diferentes âmbitos, promoveu, na educação, a classificação de estudantes em dois grupos opostos: um que aprende, e outro que não é capaz de aprender (ao menos, não sob responsabilidade da escola). Nessa perspectiva, no primeiro grupo estão os indivíduos socialmente considerados na construção de um modelo padrão de desenvolvimento humano. O segundo, por sua vez, comumente marcado como atípico e anormal, é constituído de indivíduos classificados e rotulados em diagnósticos que justificam sua posição fora do modelo predominante de desenvolvimento ou de aprendizagem (TUNES, 2013).

A organização pedagógica da instituição escolar demonstra, em um panorama histórico, uma deficiência em abranger em seu campo de ensino estes indivíduos, pois estrutura-se na uniformização dos modelos de ensinar e de aprender (RAAD & TUNES, 2006). Nesse sentido e contexto, emerge um instrumento responsável por apresentar motivos à improdutividade esperada por modelos positivistas de desenvolvimento, ligado a delimitações físicas, biológicas, psicológicas, entre outros, a saber, o diagnóstico (TUNES & RAAD, 2006).

Como efeito iatrogênico (ILLICH, 1975) do processo de medicalização da sociedade, existe um hiato na participação de indivíduos com diagnóstico na constituição da realidade escolar em que estão inseridos, fato que influencia diretamente o desenvolvimento do processo

de aprendizagem, pois inibe a capacidade do estudante, enquanto instância singular, de gerar vias próprias para a lida do cotidiano escolar. Este ponto reflete não apenas na aprendizagem, mas na escola experienciada como complexo espaço de constituir relações e agregar valores sociais, culturais e históricos (LOPES, 2005).

Dessa maneira, a medicalização da escolarização encobre a responsabilidade da não aprendizagem, atribuindo ao estudante (e, conseqüentemente, ao diagnóstico, uma vez que este passa a representá-lo como pessoa), certa incapacidade de adequar-se à normatividade. É nesse contexto que, apesar da perspectiva de educação inclusiva e educação especial serem constituintes da proposta pedagógica de educação no Brasil (SOUZA, 2017), o aparelho escolar encontra importante brecha para certa desresponsabilização no desenvolvimento de indivíduos com diagnóstico.

É importante reconhecer que há garantias de direitos civis assegurados pelo diagnóstico, e que estas são conquistas históricas que conferem qualidade de vida aos estudantes. Entretanto, é necessário questionar a função adquirida pelo diagnóstico nas práticas pedagógicas, uma vez que fundamentalmente estão ancoradas no olhar e no posicionamento do modelo biomédico de diagnóstico na sociedade (LOPES, 2005).

Ater-se ao diagnóstico neste contexto educacional direciona a prática e também o discurso docente ao saber médico e às práticas daí derivadas, pois é o conhecimento clínico o mais adequado a “solucionar o problema” da não aprendizagem, novamente depositando a responsabilidade do desenvolvimento dos estudantes com diagnóstico em outras instâncias (ILLICH, 1970). Sendo assim, no sentido da discussão proposta por este texto, o diagnóstico permeado pelo paradigma biomédico materializa, através dos modelos de ensino escolarizados, a medicalização da sociedade, fator exemplificado pela crença social no poder da medicina em curar possíveis desvios de desenvolvimento.

Nesse sentido, há uma interface com as construções de Paulo Freire (1979), que salienta a importância da consciência necessária aos professores quanto à própria contribuição no que constitui o contexto escolar, pois a busca por respostas a questões pedagógicas em princípios médicos retira o professor do complexo percurso que é romper efetivamente com práticas homogeneizadoras de ensino e, conseqüentemente, também de vida.

Sendo assim, na discussão aqui proposta acerca do papel do aparato escolar na maneira com que crianças e jovens com diagnósticos relacionados ao desenvolvimento vivenciam a experiência escolar e de aprendizagem, considera-se que a categoria diagnóstico tem direcionado as práticas pedagógicas a uma busca de amenizar as diferentes formas de aprendizagem dos indivíduos.

Cabe, portanto, uma ampliação na discussão de ações pedagógicas voltadas efetivamente ao desenvolvimento de habilidades embasadas na capacidade encontrada nos estudantes, fugindo de uma perspectiva categorizante daquilo que a criança é ou não é capaz de fazer.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. **A Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 2004.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ILLICH, I. **Expropriação da Saúde - Nêmesis da Medicina**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.

ILLICH, I. **Sociedade sem escolas**. Petrópolis: Vozes, 1970.

LOPES, N. **Deficiência e Inclusão escolar**. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

RAAD, I. L. F.; TUNES, E.. Quando a medicina adoece. In: I CONGRESSO IBEROAMERICANO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, SOCIEDADE E INOVAÇÃO, Cidade do México. Anais do I Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia, Sociedade e Inovação. Cidade do México: Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia, Sociedade e Inovação. 2006.

SOUZA, J.M.E. **Escola! Cuidado crianças: o cotidiano escolar e as (im)possibilidades de educação libertadora**. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade de Brasília. Brasília, 2017.

TUNES, E. (Org.). **O Fio tenso que une a Psicologia à Educação**. Brasília: UniCeub, 2013.

VYGOTSKY, L. S. **Obras Escogidas: Fundamentos de Defectologia**. Madrid: Visor, 1997.